

**opaxorô¹:
uma crônica insurgente**

**opaxorô:
un insurgent narrative**

Ana Célia da Silva
Professora aposentada do Departamento de Educação
Universidade do Estado da Bahia
Salvador – Bahia

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-4695-3998>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14219409>

Resumo: Uma crônica que utiliza o *Opaxorô*, a ferramenta do orixá *Oxalá*, como um símbolo de vitória da longa resistência antirracista e das recentes conquistas do respeito pelo legado cultural da população negra brasileira.

Palavras-chave: (1) *Opaxorô*; (2) Racismo; (3) Resistência; (4) Respeito; (5) Bengala.

Abstract: A chronicle that takes the *Opaxorô*, the tool of the orixá *Oxalá*, as a victory symbol for the long-lasting anti-racist resistance and the recent achievement of respect for the cultural legacy of the black Brazilian population.

Keywords: (1) *Opaxorô*; (2) Racism; (3) Resistance; (4) Respect; (5) Walking stick

¹ Nota da Editora:

“O *Opaxorô* é o elemento do orixá *Oxalá* na mitologia dos orixás. Na língua yorubá, o *Opaxorô* está relacionado a *opa* a se *oro*, um cajado do culto sagrado do candomblé que sustenta este orixá, chamado de *Oxalufã*, o *Oxalá* mais velho, responsável pela criação do mundo e representação da procriação masculina. O cajado, que o ajuda a ficar de pé, é uma coluna que sustenta o sagrado, a sabedoria, a convivência, a possibilidade de coexistência e disseminação de saberes e construções de caminhos e conhecimentos da vida. O Babalòrisá Mauro T’Òsún em seu livro *Irín Tité – Ferramentas sagradas dos orixás* (2014) nos apresenta o *Opaxorô* como símbolo da força ancestral masculina. Em sua materialidade, o objeto pode ser de metal ou de madeira e pode ter formas diferentes.

Este cajado de apoio é confeccionado com uma haste, 1,10 metro, prateado com quatro discos também prateados, dos quais pendem balangandãs simbólicas do òrisá fùnfùn, tais como igbis, pombinhas, estrelas etc. É encimado com uma pomba prateada no topo (...) Os balagandãs são símbolos que representam todos os ancestrais, levando consigo um pouco de cada orixá. Quando Oxalá usa o cajado, faz barulho. Esse barulho é de chuva que irriga a terra e vitaliza o universo, chuva que é a própria coluna que se sustenta em um elo, conexão entre céu e terra (T’ÒSUN, 2014, p. 310).

No candomblé, no momento *Xirê*, que é uma roda de celebração dos orixás, *Oxalá* é homenageado por último. A relação de *Oxalá* e o *Opaxorô* se apresenta como conexão divina entre as forças da natureza”.

Extraído de: Bruno de Jesus da Silva (2020). “Mestre King na dança na Bahia: o *Opaxorô* como metáfora de um legado”, *Dança*, Salvador, v. 5, n. 1 jul./dez.: 27-38.

Anália saiu bem cedo para sua diária de quase rotina. Ir fazer exercícios na academia perto da sua casa, atravessar a rua para ir à farmácia comprar remédios para pressão arterial, colesterol, dores nas articulações e outros.

Como já notamos, *Anália* já tem alguma idade!

Saiu imaginando:

— Como abrir a porta do elevador do seu andar, por que a porta automática é só no térreo, para impressionar possíveis compradores dos apartamentos ou as visitas.

— Como andar até a academia?

— Como atravessar a rua - mesmo na faixa de segurança, por que ali, naquela mesma faixa, já viu várias e vários serem atropelados?

— Como conseguir fazer valer a sua idade, para ter preferência no atendimento na farmácia?

Abriu a porta do seu apartamento e logo a vizinha, que sempre lhe dizia para descer as escadas, porque mora no primeiro andar, veio sorridente e solícita, chamou o elevador e abriu a porta para ela, que com o espanto, esqueceu de agradecer. Ainda impressionada com a gentileza da vizinha chegou à portaria do prédio.

O porteiro abriu o portão e a levou até a calçada e disse:

— *Não a acompanho, porque não posso me afastar da portaria!*

Já refeita da atenção primeira da vizinha, *Anália* agradeceu e disse que não precisava se incomodar, porque sempre andou sozinha por toda a cidade, inclusive indo as procissões, aos terreiros nos bairros distantes, descendo e subindo as ladeiras, que não faltam na sua cidade.

Continuou andando e pensando, bens econômicos eu não tenho muito, mas os bens de prestígio estão começando a chegar para mim, assim de repente, por que ser aceita, respeitada e receber solidariedade não era muito comum para ela, até o dia de ontem.

Chegou à academia, fez seus exercícios e subiu as escadas para o andar térreo, seguida de perto por uma colega de exercícios, *bolsominia*, que faz questão de deitar-se bem longe dela e não era para menos, porque tudo que ela ouve na *TVT* e no *Canal 247*, ela despeja no ouvido de todas e de todos no horário da ginástica, acompanhada por mais duas colegas *petralhas* e outras afins. Mas nesse dia ela respondeu o seu bom dia e fez questão de subir com ela as escadas.

Atravessar a rua foi a mais fácil de todas as travessias. Mesmo com o sinal aberto, os motoristas diminuía a velocidade, paravam e insistiam para que ela atravessasse a rua.

Chegando à farmácia logo foi insistentemente chamada por um vendedor alto, branco, com pinta de galã, que a fez sentar nos banquinhos para preferenciais e a atendeu sorridente.

Saindo da farmácia e fazendo todo o percurso de retorno para o seu condomínio, *Anália* viu todas as cenas de gentilezas e préstimos se repetirem.

Agora ela está pensando seriamente, se deve usar essa bengala só enquanto as dores do íliaco durarem ou se a vai usar durante o resto da sua vida, porque ela deve ter algum encanto, para que todos tratem dessa forma tão singular e rara, uma mulher negra e idosa.

Também está pensando em fazer uma pesquisa, para saber por que o uso de uma simples bengala, pode converter uma vizinha *branca e metida a besta*; uma *bolsonista*; motoristas enfurecidos e vendedores de farmácia galãs, em seres humanizados e solícitos, para com o Outro que eles veem como desigual.

Sobre a Autora

Ana Célia da Silva tem sido uma referência na luta contra o racismo no Brasil desde a década de 1970, quando ingressou no *Movimento Negro Unificado*. Seus trabalhos são leituras fundamentais nas discussões sobre o racismo na Educação, sobretudo relativos aos estereótipos racistas sobre a população negra nos livros didáticos. Possui Graduação em Pedagogia (1968), Mestrado (1988) e Doutorado em Educação pela *Universidade Federal da Bahia* (2001). Especializada em Estudos Africanos desde 1986 pelo *Centro de Estudos Afro Orientais* (UFBA). É Professora aposentada do Departamento de Educação da *Universidade do Estado da Bahia*. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em currículos específicos para níveis e tipos de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: estereótipos em relação ao negro no livro didático de Língua Portuguesa das séries iniciais, desconstrução, representação social do negro nos livro didático de Língua Portuguesa das séries iniciais, e Educação das Relações Étnico-Raciais. Eleita *Membro Titular do Conselho Estadual de Cultura*, referendada pela Assembleia Legislativa em 2007, para compor a *Câmara de Política Sociocultural*.